



## **NEOFLUXOS COMUNICACIONAIS SOBRE A PAUTA CLIMÁTICA A PARTIR DA COP DA AMAZÔNIA NO INSTAGRAM<sup>1</sup>**

### **COMMUNICATIONAL NEOFLOWS ON THE CLIMATE AGENDA FROM THE AMAZON COP ON INSTAGRAM**

Jéssica de Souza Carneiro<sup>2</sup>  
Walter Teixeira Lima Júnior<sup>3</sup>

**Resumo:** Este artigo visa destacar, no meio digital, perfis atuantes na e/ou sobre a região amazônica por meio do Instagram, que chamam atenção para a pauta climática a partir da abordagem da COP – 30, a Conferência das Nações Unidas sobre as Mudanças Climáticas de 2025, que será realizada, pela primeira vez, na Amazônia brasileira, na cidade de Belém-PA. A hipótese é a de que diferentes grupos sociais geram diferentes imagens representacionais sobre a cultura regional, de modo que os neofluxos comunicacionais em redes contestam a Amazônia Colonial, comumente difundida pela mídia hegemônica. Para isso, realizamos coleta de dados na plataforma por meio de métodos etnográficos adaptados aos meios digitais, com base na Teoria Fundamentada e na análise de redes sociais.

**Palavras-Chave:** Neofluxos 1. Amazônia 2. Pauta Climática 3.

**Abstract:** This article aims to highlight, in the digital environment, profiles active in and/or on the Amazon region through Instagram, which draw attention to the climate issue based on the COP – 30 approach, the United Nations Conference on Climate Change in 2025, which will be held, for the first time, in the Brazilian Amazon, in the city of Belém-PA. Our hypothesis is that different social groups generate different representational images about regional culture, so that communication neo-network flows contest the Colonial Amazon, commonly disseminated by the hegemonic media. To do this, we collected data on the platform using ethnographic methods adapted to digital media, based on Grounded Theory and social network analysis.

**Keywords:** Neofluxos 1. Amazon 2. Climate Agenda 3.

<sup>1</sup> Trabalho apresentado ao Grupo de Trabalho Comunicação, cultura e suas interfaces. 34º Encontro Anual da Compós, Universidade Federal do Paraná (UFPR). Curitiba – PR. 10 a 13 de junho de 2025.

<sup>2</sup> Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Cultura e Amazônia (PPGCOM), da Universidade Federal do Pará (UFPA): [jessica.souza.jor@gmail.com](mailto:jessica.souza.jor@gmail.com).

<sup>3</sup> Prof. Dr. do Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Cultura e Amazônia (PPGCOM), da Universidade Federal do Pará (UFPA): [walterteixeiralimajunior@gmail.com](mailto:walterteixeiralimajunior@gmail.com).

## 1. Introdução

A plataformização da sociedade - no contexto da midiatização profunda, em que os meios digitais são essenciais à vida humana, transformando relações sociais, culturais, econômicas e de poder - gera um novo cenário também para a comunicação (MINTZ, 2019). Nesse sentido, as redes sociais se destacam como formas rápidas e de amplo alcance para a difusão e acesso à informação, a qual, em poucos segundos, se alastrá viral (LEMOS, 2021).

Cada participante desses processos comunicativos, seja produtor ou consumidor de informação, pode intervir para a proliferação de dados na Internet. A esses fluxos comunicacionais pluridirecionais, definimos neofluxos (LIMA JR., 2011). O conceito considera e busca identificar o comportamento do fluxo informacional em redes sociais no contexto da esfera pública interconectada contemporânea (BENKLER, 2006).

No que consiste à pauta ambiental, em 2024, testemunhamos - principalmente por meio de redes sociais, onde está grande parte dos veículos especializados -, a ocorrência de uma série de eventos extremos, que chamou atenção global às mudanças climáticas. Tais mudanças acometem o mundo em um ponto considerado por alguns cientistas como de não retorno (NOBRE, 2014).

Fato também pregado há tantos anos pela resistência de comunidades tradicionais que levam na perda dos seus entes e de seus territórios a luta pela preservação dos biomas que não deveriam servir ao planeta, e, sim, aos seus nativos, sejam os originários, sejam aqueles que os adotam como lar por amarem e preservarem a natureza, no discurso e na ação, a exemplo do que ocorre na Amazônia. Motivo, ainda, pelo qual são vítimas de racismo ambiental, tipo de discriminação e injustiça social sofridas por populações étnicas e periféricas em função da degradação ambiental e das mudanças climáticas (BELMONT, 2023).

Diante disso, observamos a ocorrência de uma série de iniciativas midiáticas digitais que atuam em plataformas (POELL, NIEBORG, VAN DIJICK, 2020) pelo agenciamento de informações sobre as causas socioambientais. Nosso destaque se dá a perfis de caráter contra hegemônicos, que buscam evidenciar, por meio do Instagram, por exemplo, - enquanto uma das redes para o consumo de mídia online mais acessadas da atualidade (NEWMAN, 2022) - a abordagem ambiental, contestando causas, como o desmatamento e as queimadas na Amazônia. E, ainda, relacionando esses fatos a outros, como o aquecimento planetário ou a demais fenômenos que atingem a totalidade da população mundial.

É nesse contexto que a Conferência das Nações Unidas sobre as Mudanças Climáticas de 2025, também chamada de COP 30, ocorrerá na Amazônia, sediada na cidade de Belém, Estado do Pará-Brasil, segundo anúncio feito pela ONU em 18 de maio de 2023. Essa será a primeira vez que uma reunião desta magnitude virá para a capital paraense, cidade considerada a porta de entrada para a região do Baixo Amazonas.

Como a maioria das capitais nortistas, Belém tem sua economia basicamente centrada na exploração agroextrativista, pecuária e mineral (LOUREIRO, 2009). Mas com a realização da Cúpula das Amazônias, ocorrida em agosto de 2023, e como pauta do atual governo estadual, o turismo também tem movimentado os setores econômico e comunicacional ligados à região.

É claro que a escolha de Belém como sede da COP dividiu opiniões em todo o Brasil<sup>4</sup>, trazendo à tona o tema do racismo ambiental. O conceito já vem sendo discutido há algum tempo - criado na década de 1980 pelo jornalista, escritor e ativista socioambiental Benjamin Franklin Chavis Jr. -, e mais ainda quando a emergência climática começou a dar sinais de irreversibilidade, na Amazônia e no mundo.

O racismo ambiental repercute ainda a partir das últimas COPs, 28 e 29, realizadas em Dubai e em Baku, respectivamente, em 2023 e em 2024, que suscitaram a recorrente ausência de representantes amazônicas nos cenários de discussão nacionais e mundiais que envolvam ou tenham como temática a região amazônica como ponto de partida para a contenção das emergências climáticas. Sendo estas e outras questões, abordagens constantes na produção de conteúdos de perfis alternativo-ambientalistas atuantes no Instagram, conforme veremos.

Deste contexto, surgem os questionamentos: É neste cenário de perdas e escassez de uma terra sempre lembrada pelas suas riquezas naturais em contradição à ausência de políticas públicas e afirmativas em prol da sua população que Belém receberá a COP-30? Qual a imagem representacional que o restante do Brasil recebe da região Norte a partir da grande mídia (tida como “oficial”), tendo este episódio como exemplo? Como comunicadores amazônicas atuantes no Instagram reagem a essa representação na recepção e circulação ativa de processos comunicacionais por meio da contra-produção de conteúdo através do Instagram?

Buscaremos destacar a ação de perfis amazônicas<sup>5</sup> que possam, por ventura, trazer apurações mais críticas e aprofundadas sobre a real situação da crise climática. Crise, esta, que

<sup>4</sup> Conforme abordado neste post: <<https://www.instagram.com/p/C2a-PDKtHIV/>>. Acesso em: 29 jan. 2024.

<sup>5</sup> Pessoa ou coisa oriunda da região amazônica.

polariza o Brasil para além do simbólico, na sensação térmica e também na percepção do clima, uma vez que o ano de 2024 foi marcado pela seca no Norte, Nordeste e Centro Oeste; em oposição às fortes chuvas e grandes inundações que acometeram as regiões sul e sudeste<sup>6</sup>.

A meta é buscar a compreensão desses processos comunicacionais que, por um lado, abordam a emergência climática como espetáculo e justificam a colonialidade contínua<sup>7</sup> (QUIJANO, 2007) sobre a região, isto é, buscando solução para a crise na Amazônia sem levar em conta os saberes dos próprios amazônidas. E que, por outro, suscitam debates ambientalistas necessários, a exemplo do conceito e da manifestação do racismo ambiental no Brasil, pelo viés da problemática da circulação (BRAGA, 2017; FAUSTO NETO, 2010, 2018).

Para isso, realizaremos coleta de dados no Instagram, por meio da Teoria Fundamentada (FRAGOSO, et. al, 2015) e das apropriações da etnografia para abordagens em estudos de redes sociais na Internet (RECUERO, et. al., 2020). Além disso, faremos um mapeamento de terminologias (CABRÉ, 2005) que destaquem ou não a visibilidade nacional para a necessidade de contenção da emergência climática e do racismo ambiental, abordando ainda o senso de identidade de “ser” amazônica e “defender” essa raiz (CASTRO, 2013).

## 2. Representações das Amazôncias na ecologia das mídias

“Há várias amazôncias na Amazônia”, sentencia Porto-Gonçalves (2012, p. 6). Para o geógrafo, “poucas são as regiões no mundo que têm esse trunfo”, e complementa: “A Amazônia exige uma visão complexa do meio ambiente que não dissocie ecologia de justiça social, da cidadania” (PORTO-GONÇALVES, 2012, p. 6).

Citamos este autor para chamar atenção ao fato de que, comumente, a imagem que se tem sobre a região é mais realmente uma *imagem*, enquanto simulacro, do que, de fato um reflexo condizente com a sua realidade sociocultural. Herdeiro de uma gama de consequências advindas dos seus tempos como colônia, o território é constituído, nas palavras de Porto-Gonçalves, de diferentes Amazôncias, diante de um “debate e um embate simbólico-material, que reconstrói o significado de Amazônia” (PORTO-GONÇALVES, 2012, p. 16).

<sup>6</sup> Disponível em: <<https://www.instagram.com/p/Cyg9tEWOLuF/>>. Acesso em: 23 out. 2023.

<sup>7</sup> Que consiste em explorar recursos naturais e territórios com vistas ao crescimento capitalista, a partir da dizimação de florestas e das populações tradicionais.

O debate ecologizado sobre a Amazônia seria uma ingerência externa, uma nova forma de fazer presente a antiga cobiça internacional sobre a região. E, assim, mais uma vez, tenta-se enquadrar a Amazônia como uma questão de soberania nacional, em que o que menos importa é a sua realidade regional mesma, particularmente, das suas populações que, na visão dominante sobre a região, parece estar perdida sob a floresta ou vivendo em estado de natureza (PORTO-GONÇALVES, 2012, p. 12).

A “autorepresentação dos caboclos da Amazônia”, tema de um artigo de Castro (2013), também passa por essa compreensão. O estudo aborda um certo “padrão narrativo”, que traduz a “dimensão metafísica da cultura nacional, que procura enunciar a própria cosmologia dos brasileiros”: por ser “errâneo”, ao mesmo tempo, “rico, não poucas vezes tenso”, e, ainda, carregado de “violência simbólica” (CASTRO, 2013, p. 431).

Para o autor, vinda do tupi, a palavra “caboclo”, comumente utilizada para designar o amazônida, onde “caá” significa “mato”, “selva”, e, “boc” diz respeito a “retirado”, “provindo”, “oriundo”, por exemplo, reflete a herança colonial que categorizou o povo nativo, no passado, e é difundida até os dias atuais<sup>8</sup>. Essa representação social, enquanto identidade imposta, é estar “eternamente perdida entre um pragmatismo mercantilista que via [vê] as populações amazônicas como um recurso econômico” (CASTRO, 2013, p. 433). Segundo Castro, “o termo acabou sendo usado por essa mesma população para se autorreferir em relação às expectativas do dominador” (CASTRO, 2013, p. 435).

Remetendo-nos, então, ao contexto contemporâneo de mídias, no que se refere ao recorte que queremos conferir a este trabalho, entendemos que a mídia dominante brasileira também se posiciona em relação à Amazônia como se esta fosse uma colônia interna do próprio país (COSTA, 2022; D'CASTRO, 2021; DUTRA, 2009). Este é um cenário que se revela estereotipado, em que uma terra sempre (ou apenas?) lembrada pelos seus recursos naturais, raramente os têm revertidos em investimentos para a própria região (PANDOLFO, 1994; LOUREIRO, 2022).

<sup>8</sup> Em vésperas de receber a Convenção-Quadro das Nações Unidas sobre Mudanças do Clima - COP 30, Belém, uma das principais capitais da Amazônia brasileira ainda necessita comprovar sua condição de metrópole, quando, ao também sediar recentemente os eventos Diálogos Amazônicos (4 e 6 de agosto de 2023) e a Cúpula das Amazônias (8 e 9 de agosto de 2023), foi referenciada como “meio do mato” pelo jornalista e âncora da CNN Brasil, William Waack. Ao chamar um repórter que estava na cidade para entrar ao vivo na programação de telejornalismo nacional, ele disse que o colega não podia esperar, pois estava “no meio do mato”. Disponível em: <<https://www.oliberal.com.brasil/jornalista-william-waack-diz-que-belem-fica-no-meio-do-mato-e-leva-resposta-de-ex-ministra-1.713937>>. Acesso em: 29 jan. 2025.

As informações sobre o Norte, na Midia Tradicional e seus canais digitais, se não forem as ditas “pautas quentes”, ficam nas editorias e noticiários regionalizados ou ainda nos informativos exclusivos de entidades científicas e não-governamentais. Embora haja cobertura sobre a região, no país, ela se dá, tradicionalmente, de maneira fragmentada (STEIGLEDER, 2021).

Porém, com a difusão tecnológica digital conectada, a situação quanto à exploração ambiental e econômica da região, vem ganhando atenção da resistência de contra-discursos em redes sociais. Espaço, por nós, entendido como de livre expressão e circulação, principalmente, nas “falas” de quem vive nos estados nortistas ou defende as causas climáticas, por isso propício à prática do net-ativismo<sup>9</sup> (DI FELICE et. al., 2019), este de cunho ambientalista.

Sob a perspectiva da ecologia das mídias, podemos dizer que o “poder” da mídia tida como dominante “se desloca de mãos na medida em que o grupo que dominava um conhecimento tradicional é deposto pelo grupo que tem acesso ao saber especializado disponibilizado pela tecnologia” (STRATE, BRAGA, LEVINSSON, 2019, p. 22). Como duas faces de uma mesma moeda, de um lado, encontram-se os meios massivos tradicionais e, de outro, os meios conectados, e nestes últimos, um circuito alternativo de produção de conteúdo – jornalístico ou não – que coloca em contestação o discurso hegemônico por meio do net-ativismo.

Compreendendo as redes sociais enquanto artefatos culturais da contemporaneidade, segundo a visão de Hine (2015), acreditamos que elas permitem a interação entre meios, entre pessoas e entre as diferentes culturas existentes em uma mesma cultura nacional. Ou seja, acarretam em interações mediadas por tecnologia em que a comunidade se une mais por identidade do que por questões espaço-temporais.

Segundo Cardoso e Costa (2018, p. 1), nas sociedades contemporâneas, a “formação de nossas identidades e as relações que estabelecemos com os outros e com o mundo estão cada vez mais associadas com as tecnologias da informação e da comunicação”. Trazemos à tona, portanto, a dimensão performativa de certos modos de representação, que podem possibilitar a interpretação de identidades e culturas diversas, bem como as interações sociais que circulam nos ambientes de contextualização digital sobre elas.

<sup>9</sup> O qual cria uma ecologia complexa, juntando ruas, praças e dados, “capaz de colocar protestos e ideias de indivíduos nas ruas e de transformar as ruas e os espaços públicos em ambientes informativos digitais, visíveis e acessíveis a todos” (DI FELICE, 2020, p. 104).

Neste cenário contemporâneo da comunicação, o destaque se dá aos feitos sociais de atores que reconfiguram as tecnologias e seus contextos (MILLER; SLATER, 2004) para criar relações e discursividades digitais a partir de conteúdos midiáticos fácil e rapidamente replicáveis. Desse modo, as práticas comunicativas, culturais e sociais também podem caracterizar identidades, a partir dos usos e apropriações que atores sociais fazem, por exemplo, do Instagram, suscitados pelo discurso e/ou pela viralização de rastros digitais (GROHMAN, 2019), os quais transitam ininterruptamente entre contextos online e o off-line (MILLER; SLATER, 2004).

Pressupomos, portanto, sobre a Amazônia, a atuação de perfis dentro do contexto da plataforma Instagram que partem de uma perspectiva comunicacional condizente ao ponto de vista “amazônica” e que chama atenção para questões socioambientais regionais. Entendemos que essas “experiências e dinâmicas sociais constituem teias de significados” (POLIVANOV, 2013, p. 62), que discutem digitalmente e geram visibilidade, neste caso, sobre as resistências amazônicas na Internet.

Assim, os usos sociais das mídias digitais revelam também dinâmicas de interações simbólicas de tipificação regional, inferindo a diferenciação entre a “representação” e o “estereótipo” (DERRIDA, 1994; MOSCOVICI, 2003; CASTRO, 2013), baseados em percepções coletivas da realidade nacional perante a variedade identitária brasileira. Essas interações dizem respeito a espaços consolidados de relações de poder no que consiste às configurações sociais do que vêm a ser “centro” e “periferia” no país, estas muito associadas às formas de ocupação e desenvolvimento historicamente impostas no Brasil à região amazônica (PANDOLFO, 1994).

Por isso, no atual cenário midiático, o Instagram torna-se um lócus de manifestações que, por ventura, trazem apurações jornalístico-comunicacionais mais críticas e aprofundadas sobre a região (CARNEIRO, CARVALHO e LIMA JR., 2023). Tais processos suscitam debates identitários e ambientalistas, que, pela problemática da circulação (BRAGA, 2017; FAUSTO NETO, 2010, 2018), adere significância também a partir da participação do público ao conteúdo gerado e difundido nas redes sociais.

A partir daí, encontramos o senso de identidade amazônica, defendido pelos amazônidas de diversas formas, entre elas, pela manifestação imagético-discursiva no meio digital. Perspectiva pela qual a região é tomada muito mais do que simples “celeiro”, mas também

como coletividade humana, constituída sócio e antropológicamente, para além de recursos naturais e de floresta.

De fato, os discursos de redes que buscam a expressão de identidade/pertencimento e contrapõem os padrões cognitivos recorrentes com os quais a Amazônia é histórica e tradicionalmente abordada nos meios de comunicação nacionais, vêm a ser de utilidade estratégica para a tomada de conhecimento público sobre assuntos relacionados à região, como a pauta climática e a ocorrência do racismo ambiental.

A seguir, discutiremos um pouco mais sobre a representação da Amazônia pelos próprios amazônidas do ponto de vista de perfis que surgem na rede da plataforma Instagram com a realização da COP 30 em Belém do Pará, Brasil.

### **3. Neofluxos comunicativos sobre a pauta climática e o colonialismo**

Conforme já vimos, nos meios de grande circulação brasileira, tradicionalmente, a mídia noticia fatos sobre o clima mais como derivados de catástrofes naturais, ou seja, da ordem do inevitável, do que problematicamente enquanto consequência da ação neocolonial-empresarial humana (DUTRA, 2009; COSTA, 2022; LOUREIRO, 2022). Não obstante, são as comunidades tradicionais e as populações periféricas as que mais sofrem o efeito da crise climática, sendo, portanto, também vítimas do racismo ambiental (BELMONT, 2013).

Quando da vinda da COP 30 para o Brasil, a visibilidade midiática sobre a Amazônia passa a ter diferentes vieses nacional e internacionalmente. Nesse momento, os olhares midiáticos do Brasil e do mundo voltam-se para a região não apenas da forma como já estamos habituadas a vê-la na grande mídia (DUTRA, 2009; AMARAL FILHO, 2016; COSTA, 2022), ou seja, quando representada pela ordem do exótico, do descobrimento, do olhar colonial e mercadalógico, ou do catastrófico e de conflitos; mas também sob diferentes vieses culturais.

Exemplo de um viés de cunho cultural, inclusive, é o sucesso da música “Voando para o Pará”, da banda *Calypso*, comandada pela cantora Joelma, hoje, mundialmente famosa,

com versões já adaptadas de seu *single* em diversos idiomas<sup>10</sup>. A música é viral<sup>11</sup> em espaços de redes sociais, e também no Instagram, por meio de *posts*, *memes* ou *trends*<sup>12</sup>.

A esse fenômeno, denominamos como a capacidade que as redes em plataformas possuem de gerar “neofluxos”. Estes, na abordagem de determinado tema, e se apoiando em um interesse global, transportam a esfera local de um contexto particular ao espaço midiático interconectado. Assim, a cultura amazônica paraense, por exemplo, ganha um palco importante na relevância social da opinião pública.

Segundo Lima Jr. (2011), ao percorrer multidireções nas redes, os neofluxos também geram dados para a produção de interações comunicacionais, como o net-ativismo ou ainda o jornalismo - seja hegemônico, seja independente – por meio das APIs, isto é, as Interfaces de Programação para Aplicações que ajudam a distribuir e combinar conteúdos de maneira algorítmica<sup>13</sup>. Diante disso, os “neofluxos” comunicativos via plataformas, que aqui propomos, contrapõem as narrativas comprometidas com a hegemonia política e quebram o consenso forjado da versão histórica oficial, ou seja, colonial.

Em uma postagem<sup>14</sup> no Instagram, a página da Brasil Norte Comunicação (@bncamazonas), inclusive, replica notícia publicada em seu site, intitulada: “FGV e USP organizam COP-Belém; e as instituições da Amazônia?”<sup>15</sup>. Na matéria, Nogueira, 2025, entrevista os pesquisadores amazônicas Marilene Corrêa, Violeta e Paes Loureiro, que criticam o colonialismo interno na organização da COP-30. Tal enquadre não teria lugar na mídia hegemônica, na qual inserimos o Instagram<sup>16</sup>, não fosse o referido perfil ser “dedicado à

<sup>10</sup> Disponível em: < [https://www.oliberal.com/cultura/celebridades/voando-pro-para-de-joelma-conquista-sucesso-internacional-com-versoes-em-diversas-linguas-1.763116#:~:text=Cultura-,Voando%20pro%20Par%C3%A1%20de%20Joelma%20conquista%20sucesso%20internacional,com%20vers%C3%B5es%20em%20diversas%20!C%C3%ADnguas&text=A%20can%C3%A7%C3%A3o%20E%2080%9CVoando%20pro%20Par%C3%A1,ter%C3%A7%C3%A7a%2Dfeira%20\(2\).](https://www.oliberal.com/cultura/celebridades/voando-pro-para-de-joelma-conquista-sucesso-internacional-com-versoes-em-diversas-linguas-1.763116#:~:text=Cultura-,Voando%20pro%20Par%C3%A1%20de%20Joelma%20conquista%20sucesso%20internacional,com%20vers%C3%B5es%20em%20diversas%20!C%C3%ADnguas&text=A%20can%C3%A7%C3%A3o%20E%2080%9CVoando%20pro%20Par%C3%A1,ter%C3%A7%C3%A7a%2Dfeira%20(2).) >. Acesso em: 29 jan. 2024.

<sup>11</sup> Que se reproduz rapidamente e de maneira reticular na rede (LEMOS, 2021).

<sup>12</sup> Generificação de tipos de textos que circulam em redes sociais em que *post* é uma publicação, *meme* é uma piada de internet e *trend* é uma tendência aderida simultaneamente por muitos usuários de plataformas.

<sup>13</sup> Sistema interno das plataformas digitais que se adapta ao pressupor o tipo de conteúdo, a personalidade e/ou os hábitos online de seus(suas) usuários(as).

<sup>14</sup> Disponível em: <[https://www.instagram.com/p/DE0nsHGPEqV/?utm\\_source=ig\\_web\\_copy\\_link&igsh=MzRIODBiNWFIAZ=3](https://www.instagram.com/p/DE0nsHGPEqV/?utm_source=ig_web_copy_link&igsh=MzRIODBiNWFIAZ=3)>. Acesso em: 29 jan. 2025.

<sup>15</sup> Disponível em: <<https://bncamazonas.com.br/municipios/fgv-e-usp-organizam-cop-belem-e-as-instituicoes-da-amazonia/>>. Acesso em: 29 jan. 2025.

<sup>16</sup> Uma das gigantes do Vale do Silício.

cobertura de fatos políticos e dos bastidores do poder”, conforme consta em sua bio<sup>17</sup>, sendo, portanto, este, um exemplo de neofluxo.

#### 4. Política afirmativa em favor do clima

É inegável a relevância social do tema “COP” no cenário global. A sigla se remete à Conferência das Partes da Organização das Nações Unidas (ONU): um encontro mundial “realizado anualmente por representantes de vários países com objetivo de debater as mudanças climáticas, encontrar soluções para os problemas ambientais que afetam o planeta e negociar acordos”<sup>18</sup>.

A primeira COP ocorreu em Berlim, Alemanha, em 1995 (AGÊNCIA SENADO, s.d.). Após ser elaborada durante a Conferência Rio-92, também conhecida como Eco-92 ou Cúpula da Terra, que aconteceu no Rio de Janeiro, em 1992<sup>19</sup> (BLOG DA FAS, s.d.), será a primeira vez que uma reunião desta magnitude vem para o Brasil e, mais ainda, sediada na Amazônia, tendo Belém como capital anfitriã.

O Brasil é o país responsável pela maior área de extensão territorial pertencente à Amazônia Legal (PANDOLFO, 1994; LOUREIRO, 2009). Assim, desde o governo Dilma Rousseff (2011-2016), a pauta ambiental das COPs vem sendo direcionada a compromissos que possam partir do país para colaborar na contenção de danos ambientais capazes de afetar o clima mundial, a partir do que ocorre em termos de degradação na área que abriga a maior floresta tropical do planeta. Foi com a participação brasileira nas COPs, por exemplo, que se criou o Fundo Amazônia<sup>20</sup> e outras políticas afirmativas<sup>21</sup> para angariar recursos em favor da recuperação e preservação da floresta (ANTUNES, 2023).

<sup>17</sup> Linguagem de internet que define a que serve um perfil no Instagram, ou seja, a sua biografia.

<sup>18</sup> Disponível em: <[https://www12.senado.leg.br/noticias/entenda-o-assunto/cop#:~:text=A%20Confer%C3%A7Ancia%20das%20Partes%20\(COP,o%20planeta%20e%20negociar%20acordos](https://www12.senado.leg.br/noticias/entenda-o-assunto/cop#:~:text=A%20Confer%C3%A7Ancia%20das%20Partes%20(COP,o%20planeta%20e%20negociar%20acordos)>. Acesso em: 29 jan. 2024.

<sup>19</sup> Disponível em: <<https://fas-amazonia.org/blog-da-fas/2023/11/17/o-caminho-ate-dubai-confira-o-historico-de-cop-desde-1995/>>. Acesso em: 17 jan. 2025.

<sup>20</sup> Criado com a finalidade de “captar doações para investimentos não reembolsáveis em ações de prevenção, monitoramento e combate ao desmatamento, e de promoção da conservação e do uso sustentável da Amazônia Legal. Também apoia o desenvolvimento de sistemas de monitoramento e controle do desmatamento no restante do Brasil e em outros países tropicais”. Disponível em: <<https://www.fundoamazonia.gov.br/pt/transparencia/doacoes/>>. Acesso em: 17 jan. 25.

<sup>21</sup> Como também o Restaura Amazônia, por meio do Banco Nacional de Desenvolvimento (BNDES), que visa a restauração de 6 milhões de hectares de floresta com recursos da ordem de R\$ 51 bilhões de reais.

Segundo Antunes (2023), em análise no site Sumaúma Jornalismo<sup>22</sup>, o documento de balanço global da COP 28 - quando se decidiu pela vinda da COP 30 para a Amazônia -, apresenta uma extensa discussão sobre exploração de petróleo e dedica apenas uma menção de dois parágrafos sobre a proteção de florestas e a necessidade de seguir a meta do desmatamento zero na região. Enquanto isso, delegações de povos indígenas participantes da Convenção chamavam atenção para que os países levassem em conta o conhecimento originário para deter as mudanças do clima e salvar a biodiversidade, a qual também passa pela implantação de políticas mais eficazes de demarcação e de proteção territorial.

O que foi apontado também por Lima (2023, s.p), na cobertura da mesma COP pela agência Amazônia Real<sup>23</sup>: “Muito barulho por nada, ou melhor, quase nada (...) Conferência Climática em Dubai é marcada por avanços insuficientes na agenda de combate ao aquecimento global”. Dentre as contradições da chamada de visibilidade midiática para o evento em torno da solução das questões climáticas que assolam o planeta, a análise trazida pelo site critica a decisão do governo brasileiro em participar da Organização dos Países Exportadores de Petróleo (Opep+), quando o documento final das negociações sinaliza para a necessidade do fim da era do uso dos combustíveis fósseis.

Não tivemos fôlego para ir em busca de comprovações na grande mídia brasileira por não termos espaço para tal no escopo deste artigo, mas tal dito dificilmente estaria em destaque em um veículo de mídia hegemônica nacional, visto que a Petrobrás, a empresa estatal de exploração de petróleo é a maior anunciante e patrocinadora da indústria cultural do país. Em contínuo, o autor do texto reproduz a voz de um influenciador digital, o comunicador Elitiel Guedes, representante do Movimento Sem Terra na COP 28, coletada nas redes sociais, para referendar a sua crítica: “Não dá para salvar a Amazônia defendendo exploração petrolífera, e sem tomar ações concretas sobre o avanço da utilização do solo pela monocultura e mineração” (LIMA, 2023, s.p).

O jornalista destacou ainda que foi na COP 28 que as lideranças mundiais se decidiram por sediar a COP 30 (2025), em Belém, trazendo à tona algumas das representações estereotipadas (vide item anterior neste trabalho), que o mundo tem sobre a Amazônia e que o

<sup>22</sup> Disponível em: <<https://sumauama.com/uma-visao-amazonica-da-cop-28-e-das-pororocas-que-vao-estourar-ate-2025-em-belem/>>. Acesso em: 17 jan. 2025.

<sup>23</sup> Disponível em: <<https://amazoniareal.com.br/cop-28-muito-barulho-por-quase-nada/>>. Acesso em: 17 jan. 25.

próprio Brasil incorpora culturalmente em relação à região Norte do país. Fato também ressaltado por Antunes (2023, s.p), quando, em discurso indireto, creditou ao presidente Lula da Silva, a fala de que, na capital paraense, as discussões da COP 30 seriam realizadas debaixo das árvores ou dentro de canoas.

Com nossa análise, a seguir, mostramos a diferença entre os perfis criados no Instagram em torno da realização da COP 30. Os tidos como “oficiais” acabam por reproduzir estereótipos, reforçando preconceitos e a discriminação ambiental. Em contrapartida, os neofluxos de contra-discursos surgem por meio de iniciativas alternativas de movimentos sociais, organizações não-governamentais net-ativistas ambientalistas, etnomídia<sup>24</sup> e de jornalismo independente.

## 5. A visibilidade da COP da Amazônia no Instagram

Partindo para a análise referendada pelo escopo teórico até aqui apresentado, construímos uma amostragem de caráter empírico, com base nos métodos de pesquisa para Internet, elencados por Fragoso et. al. (2015). Nossa intenção é de avançar ou aprimorar as reflexões sobre os processos comunicativos que ocorrem na ambiência digital da plataforma Instagram, tomando como recorte os fenômenos socioculturais observados em torno da COP da Amazônia no que consiste em como a Amazônia é representada e o que ela é de fato, em se tratando da pauta climática e do racismo ambiental.

Assim, para a coleta de dados úteis à presente pesquisa, utilizamos o diretório de buscas do próprio Instagram, a fim de realizar um levantamento prévio de perfis que levam no nome a sigla COP e se relacionam à produção de conteúdos referentes à Conferência das Nações Unidas sobre as Mudanças Climáticas de 2025. Como estratégias e critérios para a construção dessa amostragem, recorremos a um tipo de amostra intencional, ou seja, aquela que combina dados quanti-qualitativos, cujos elementos são selecionados a partir do problema de pesquisa, das características do objeto observado e das condições disponíveis ao método de análise (FRAGOSO et. al., 2015, p. 78, adaptado de PATTON, 2022, HUBERMAN e MILES, 1994, RODRIGUES OSUNA, 1989, e BANALVIS e CAPUTI, 2001).

<sup>24</sup> Movimento comunicativo originalmente criado e/ou administrado por pessoas ou coletivos indígenas (NASCIMENTO, 2021).

Desse modo, na busca por contas de usuários(as) do Instagram com a sigla COP<sup>25</sup>, observamos que não há perfil internacional exclusivo para as coberturas das COPs de um modo geral, apenas perfis não verificados e ligados à Rede de Ação Climática pelo Clima (*Climate Action Network*)<sup>26</sup>, responsáveis também pela divulgação de “boletins ECO” durante a realização das edições das COPs (ANTUNES, 2023). Depois, chegamos a uma amostragem geral inicial de 112 perfis.

A amostra foi ainda subdividida em três grupos, sendo o total de 55 contas encontradas com a pesquisa feita apenas com a palavra “COP”; 62 encontradas com a palavra de busca “COP30”, das quais 5 nos foram direcionadas pelo algoritmo do Instagram na categoria de pesquisa “pra você”, isto é, aquela que se adapta aos hábitos, consumo e localização do pesquisador por meio do perfil em que realiza a busca. Neste último formato, a plataforma mostrou perfis de cunho regional, uma vez que nos enquadrados como observadores participantes ao sermos pertencentes culturalmente e estarmos geograficamente situados na Amazônia.

Afunilando ainda mais a análise dos perfis relacionados exclusivamente ao evento COP 30, destacamos dois perfis com o selo de verificação de conta<sup>27</sup> do Instagram, sendo um de abrangência nacional e administrado pelo Governo Federal (@cop30\_amazonia) e, o outro, regional, cuja curadoria é feita pelo Governo do Pará (@cop30naamazonia).

Nessa amostragem, dentre os perfis não verificados pelo Instagram, destacamos ainda como escolhidos para análise, a conta do evento @cop30nopara, com direitos reservados à Agência Norte, e outras contas regionais de produção de conteúdos relacionados à COP 30. São eles: o @comitecop30, dedicado a fortalecer a incidência das organizações da América Latina na COP30; além dos perfis alternativos @centraldacop30, @copamazonia, @cupuladospovoscop30, @copdopovo, @copdasbaixadas.

Nacionalmente, o perfil de relevância social que acreditamos fazer frente ao conteúdo hegemônico produzido sobre as COPs, de modo geral, é o net-ativista de cunho ambientalista @observatoriodoclima. Este, não leva a palavra “COP” no nome, mas está oficialmente

<sup>25</sup> Até o fechamento deste artigo na data de 27 de janeiro de 2025.

<sup>26</sup> Rede global de mais de 1.300 organizações ambientais não-governamentais em mais de 130 países que trabalham para promover ações governamentais e individuais para limitar as alterações climáticas. Disponível em: <[https://en.wikipedia.org/wiki/Climate\\_Action\\_Network](https://en.wikipedia.org/wiki/Climate_Action_Network)>. Acesso em: 18 jan. 2025.

<sup>27</sup> O selo de verificação do Instagram é um símbolo azul que indica que uma conta é autêntica e oficial.

associado à Central da COP<sup>28</sup>, coletivo independente que anualmente reporta o evento pelo viés do contra-discurso. Conforme a definição encontrada no site do coletivo: o “Observatório do Clima é a principal rede da sociedade civil brasileira sobre a agenda climática, com mais de cem organizações filiadas” (CENTRAL DA COP, s.d.).

Assim, sistematizamos a tabela 1, a seguir (TAB 1):

**TABELA 1**  
Construção da Amostra

Perfil no Instagram	Categoria de conteúdo	Curadoria
@cop30_amazonia	Oficial	Governo Federal
@cop30naamazonia	Oficial	Governo do Pará
@comitecop30	Alternativo	Regional América Latina
@observatoriodoclima	Alternativo	Coletivo Nacional
@copamazonia	Alternativo	Local – Belém/PA
@centraldacop30	Regional	Local – Belém/PA
@cop30nopara	Regional	Local – Belém/PA
@guiadacop30	Regional	Local – Belém/PA
@cupuladospovoscop30	Regional	Etnomídia <sup>29</sup> – Amazônia
@copdasbaixadas	Regional	Etnomídia – Amazônia
@copdopovo	Regional	Etnomídia – Amazônia

FONTE – Autores.

Após filtrarmos esses perfis, observamos os feitos sociais desses atores digitais que reconfiguram a tecnologia da plataforma Instagram e seus contextos (MILLER; SLATER, 2004) para criar relações e discursividades sobre a Amazônia a partir de diversos aspectos representacionais, que vão desde os estereótipos aos informativos; dos conteudísticos-midiáticos aos reflexivo-socioambientais de causas; enfim, neofluxos.

Portanto, aplicamos a análise segundo a Teoria Fundamentada, em conjunto com a coleta de dados, partindo de um olhar interpretativo por via da observação direta e participante enquanto membros digitais da comunidade amazônica paraense, do que depreendemos

<sup>28</sup> Disponível em: <<https://centraldacop.oc.eco.br/nosso-time/>>. Acesso em: 18 há. 2025.

<sup>29</sup> Consideramos os perfis formados por representações de povos tradicionais e periféricos, a exemplo de indígenas, ribeirinhos, quilombolas e minorias sociais, como etnomídia, na medida em que se propõem enquanto intermediários da comunicação do evento sobre os temas que estarão nas negociações de 2025 com essas populações.

categorias sistematizadas de acordo com os conceitos apresentados ao longo deste artigo. Desse modo, buscamos na página principal dos perfis elencados, as marcas identitárias que nos permitissem categorizá-los; e, nas pistas discursivas que emergem da própria prática social digital da curadoria de cada perfil, se estes servem à cultura dominante ou à contracultura, isto é, aquela que questiona e rejeita os padrões hegemônicos.

Segundo a Análise de Redes Sociais (ARS), de Recuero et. al. (2020), podemos dizer que o ponto em comum entre os onze perfis que compõem nossa amostra é a pauta climática, além, é claro, do evento COP 30. Os grupos que fazem a curadoria de conteúdo de cada um desses perfis representam os atores sociais envolvidos nessa rede, ou seja, os nós que unem a conexão discursiva digital. Assim, partindo também de uma abordagem de inspiração etnográfica, o conjunto de publicações dispostas na vitrine de cada um desses perfis nos fornece uma série de documentos digitais, que nos induzem a interpretações de contextos e culturas.

Com isso em mente, analisamos nossa amostra, segundo as possibilidades de leitura e aproximações etnográficas da relação que cada grupo comunicacional mantém com a Amazônia a partir da curadoria de conteúdo que realiza e a finalidade que possui ao representá-la digitalmente na plataforma Instagram.

Dessa feita, chegamos à tabela 2, a seguir (TAB. 2):

**TABELA 2**  
Mapeamento de terminologias

<b>Perfil no Instagram</b>	<b>Terminologias discursivo- imagéticas mais encontradas</b>	<b>Qual Amazônia comunica?</b>
@cop30_amazonia	<i>Posts</i> com contagem regressiva, imagens de líderes nacionais, vídeos com floresta, povos, discursos de mitigação, etc.	Amazônia do ElDorado <sup>30</sup> , com o viés da soberania nacional.
@cop30naamazonia	<i>Posts</i> sobre a preparação, a missão, obras, esperança, sustentabilidade, turismo, etc.	Amazônia sob o viés do <i>marketing</i> ambiental <sup>31</sup> em que a cultura regional atrai pelo exótico, a promessa do paraíso e da riqueza da floresta.

<sup>30</sup> Lenda sobre uma cidade fictícia repleta de ouro, que inspirou a busca de riquezas por muitos exploradores europeus.

<sup>31</sup> Visão utilitarista que objetifica a Amazônia como se fosse uma “marca verde”, de modo que o que leva o selo da Amazônia enquanto produto bioeconômico, pode valer mais no mercado capitalista (AMARAL FILHO, 2016).

@comitecop30	<i>Posts</i> sobre justiça climática, indexação de conteúdo pela <i>hashtag</i> <sup>32</sup> #novachance, a influência do agronegócio (desmatamento, queimadas) na pauta climática, negacionismo, combate, etc.	Amazônia pelo viés educativo a partir de vozes e imagens de pensadores ambientalistas, povos originários, jovens e comunidades tradicionais.
@observatoriodoclima	<i>Posts</i> de causas como a descarbonização, alertas climáticos, crises, a influência do agronegócio (desmatamento, queimadas) na pauta climática, necessidade de regulação, ocorrência de racismo ambiental, desperdícios, crimes ambientais, condições extremas, contradições, etc.	Amazônia pelo viés ativista, crítico e combativo contra as imposições coloniais. Traz na construção do seu discurso também perspectivas advindas das cosmologias originárias.
@copamazonia	<i>Posts</i> de alerta, reflexão, sustentabilidade conforme as especificidades das diversas Amazônias <sup>33</sup> , saberes da floresta, floresta em pé, etc.	Amazônia pelo viés da diversidade cultural, linguagem educativa ambiental.
@centralcop30	Postagens insuficientes para análise.	Se aproxima da linguagem oficial da Amazônia turística.
@cop30nopara	Muito verde, vida e biodiversidade, belezas naturais, sustentabilidade, cartões postais de Belém, gastronomia, arquitetura, explora <i>memes</i> , autoimagem, etc.	Se aproxima da linguagem oficial da Amazônia turística.
@guiadacop30	Postagens insuficientes para análise.	Se aproxima da linguagem oficial da Amazônia turística.
@cupuladospovoscop30	Posts sobre soluções climáticas, justiça, lutas transversais, vozes e imagens de lideranças, etc.	Amazônia pelo viés das pautas indígenas e de reivindicações por parte de movimentos sociais,

<sup>32</sup> Palavras antecedidas pelo símbolo cerquilha (#) que formam *hiperlink* e disponibilizam para acesso todas as postagens já feitas no Instagram a partir do tema indexado.

<sup>33</sup> Conforme Porto-Gonçalves (2012).

		organizações não-governamentais e comunidades tradicionais.
@copdasbaixadas	<i>Posts</i> educativos sobre racismo ambiental, lutas transversais, mobilidade, combate a desigualdades, desastres climáticos no cotidiano, etc.	Amazônia urbana que também tem questões ambientais pelo viés da diversidade e da inclusão.
@copdopovo	Postagens insuficientes para análise.	Se aproxima da representação regional de etnomídia.

FONTE: Autores.

Assim, nesta etapa, mapeamos terminologias (CABRÉ, 2005) que nos auxiliaram qualitativamente a definir quais desses perfis manifestam a cultura amazônica de acordo com as marcas identitárias condizentes com suas raízes; e quais deles a reproduzem enquanto artefato cultural da contemporaneidade (HINE, 2015; HINE, 2000, 2005 *apud* FRAGOSO et. al., 2015) para atrair visibilidade digital no Instagram, a partir da leitura colonial de interpretação do mundo, segundo a colonialidade do poder<sup>34</sup> (QUIJANO, 2007).

Dessa feita, identificamos os participantes desse cenário social digital e a construção de sentido que buscam difundir a respeito da Amazônia, das pautas climáticas e do racismo ambiental, tendo como mote midiático a COP da Amazônia. Conforme pudemos observar, os perfis que se dedicam à promoção de visões mais críticas sobre a região e seus entrelaçamentos são os net-ativistas alternativo-independentes, que são também os que colaboram, seja ou não intencionalmente, na promoção dos neofluxos de resistência na ambientes da plataforma Instagram.

## Considerações Finais

Partindo do pressuposto e do entendimento sobre a atual condição de sociedade midiatisada, mostramos como a visibilidade da COP da Amazônia no Instagram pode gerar neofluxos sobre a pauta climática e o racismo ambiental. Isso ocorre não apenas a partir dos processos de produção, como também da recepção e da circulação dos conteúdos de mídia,

<sup>34</sup>Na medida em que a independência como estado-nação não extinguiu o colonialismo na estrutura social do país já que, por muito tempo, e até nos dias atuais, o poder, nesse caso, e em outros países latino-americanos, apenas muda de mãos, permanecendo alicerçado na relação de subjugação existente entre dominados e dominados.

mediante a contra-produção de conteúdos crítico-reflexivos por parte de *instagrammers* engajados em causas net-ativistas ambientalistas.

A combinação multimétodos nos permitiu reforçar e desvelar algumas técnicas da pesquisa etnográfica para investigar o papel dos perfis que surgem na plataforma Instagram – objetos da comunicação digital – na operacionalização de traços culturais e marcas identitárias nacionais e regionais, no contexto da Conferência Climática.

Concluímos que nasce desse agir comunicacional em redes sociais um campo empírico como contraponto a um reporte padronizado e colonial representativo de Amazônia, difundido pelas demais regiões nacionais, principalmente no eixo sul-sudeste, onde localizam-se as sedes dos conglomerados de mídia massiva do país. Conforme apontamos, os perfis de caráter alternativo-independente e de etnomídia sobre a COP 30 são os que mais têm refutado o padrão cognitivo com o qual a região Norte do Brasil é comumente retratada no espaço público da mídia tradicional, portanto, colonial.

Avaliamos ainda que o caso estudado é bastante ilustrativo de como grupos culturais específicos, por meio da plataforma Instagram, podem (re)agir sobre a percepção subjetiva de um episódio midiático, neste caso a COP da Amazônia, demonstrando a existência de categorizações sociais pejorativas sobre a região e/ou atreladas ao conceito colonial e de racismo ambiental.

Como vimos, tal fato se dá porque a formação imagético-discursiva historicamente produzida pela grande mídia nacional a respeito da identidade regional e da condição étnica amazônica, se mostra marcada pela violência real e simbólica que acompanharam/acompanham a ocupação exploratória e desenvolvimentista desse território e dessa cultura diferenciados no espaço social brasileiro.

Uma perspectiva futura para o presente trabalho pode ser a ampliação da pesquisa no sentido de transitar do lugar de observadores silenciosos, embora o tenhamos feito de forma direta e participante, e unicamente da análise documental, para realizar também entrevistas com os administradores dos perfis que compuseram nossa amostragem, relacionando-as ainda com a percepção da audiência e como esta mesma repercute e circula suas representações culturais e dimensões subjetivas.

## Referências

- AMAZÔNIA REAL. Meio ambiente** (site), s.d.. Disponível em: < <https://amazoniareal.com.br/cop-28-muito-barulho-por-quase-nada/> >. Acesso em: 17 jan. 25.
- ANTUNES, Cláudia. Uma visão amazônica da COP 28 e das pororocas que vão estourar até 2025 em Belém** (online), 22/12/23. Disponível em: < <https://sumauma.com/uma-visao-amazonica-da-cop-28-e-das-pororocas-que-vao-estourar-ate-2025-em-belem/> >. Acesso em: 17 jan. 2025.
- AGÊNCIA SENADO. COP notícias** (site), s.d.. Disponível em: < [https://www12.senado.leg.br/noticias/entenda-o-assunto/cop#:~:text=A%20Confer%C3%A7a%20das%20Partes%20\(COP,o%20planeta%20e%20negociar%20acordos](https://www12.senado.leg.br/noticias/entenda-o-assunto/cop#:~:text=A%20Confer%C3%A7a%20das%20Partes%20(COP,o%20planeta%20e%20negociar%20acordos) >. Acesso em: 29 jan. 2024.
- AMARAL FILHO, O. Marca Amazônia:** o marketing da floresta. Curitiba, PR: CRV, 2016.
- BENKLER, Yochai. The Wealth of Networks:** How Social Production Transforms Markets and Freedom. New Haven: Yale University Press, 2006.
- BELMONT, Mariana (org.). Racismo ambiental e emergências climáticas.** 1ª formação em racismo ambiental e emergência climática. São Paulo: Instituto de Referência Negra Peregum/Oralituras, 2023.
- BLOG DA FAS. O caminho até Dubai:** confira o histórico de COPs desde 1995 (online). S.d. Disponível em: <<https://fas-amazonia.org/blog-da-fas/2023/11/17/o-caminho-ate-dubai-confira-o-historico-de-cop-desde-1995/>>. Acesso em: 17 jan. 2025.
- BRAGA, J. L. Circulação & Circuitos:** situações. pp. 49-64. IN: CASTRO, Paulo César (org.). A circulação discursiva – entre produção e reconhecimento, Maceió, EDUFAL – Editora da Universidade Federal de Alagoas, 2017.
- CABRÉ i CASTELLVÍ, M. Teresa. La Terminología:** representación y comunicación: elementos para una teoría de base comunicativa y otros artículos. Girona: Documenta Universitaria, 2005.
- CARDOSO, Letícia Conceição Martins; COSTA, Márcio Leonardo Monteiro. A pertinência da etnografia em estudos de comunicação.** Universidade da Beira Interior, 2018.
- CARNEIRO, Jéssica de Souza; CARVALHO, Claudiane; LIMA JÚNIOR, Walter Teixeira. Midiatização da resistência amazônica na circulação das tags #OndeestãoBruno e Dom e #JustiçaporBruno e Dom no Instagram. Revista Eco-Pós** (online), v. 26, p. 166-195, 2023.
- CASTRO, Fábio Fonseca de. A identidade denegada. Discutindo as representações e a autorrepresentação dos caboclos da Amazônia. Revista de Antropologia.** São Paulo, USP. V.56, N°2, 2013.
- CENTRAL COP 30. Nossa time** (site), s.d. Disponível em: < <https://centraldacop.oc.eco.br/nossa-time/> >. Acesso em: 17 jan. 2025.
- COSTA, Vânia Ma. Torres. À sombra da floresta:** a Amazônia no discurso de televisão. 1ª ed. Belém [PA]: Paka-Tatu, 2022
- D'CASTRO, Rômulo. Jornalismo na Amazônia:** uma análise sobre a prioridade da reportagem para os fazedores de notícias. Maringá - PR: Editora Viseu, 2021.
- DERRIDA, Jacques. A voz e o fenômeno:** introdução ao problema do signo na fenomenologia de Husserl. Tad. Lucy Guimaraes. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1994.
- DI FELICE, Massimo; PEREIRA, Eliete; ROZA, Erick (orgs.). Net-ativismo:** redes sociais e novas práticas de participação. Campinas - SP: Papirus Editora, 2019.
- DUTRA, Manoel. A natureza da Mídia:** os discursos da TV sobre a Amazônia, a biodiversidade, os povos da floresta. São Paulo: Annablume, 2009.
- FAUSTO NETO, A. As bordas da circulação.** Revista ALCEU - v. 10 - n.20 - p. 55 a 69 - jan./jun. 2010.
- FAUSTO NETO, A. Circulação:** trajetos conceituais. Rizoma. Santa Cruz do Sul, v. 6, n. 2, p. 8, dezembro, 2018.

FRAGOSO, Sueli; RECUERO, Raquel; AMARAL, Adriana. **Métodos de pesquisa para internet**. Porto Alegre: Sulina, 2015.

FUNDO AMAZÔNIA. **O Brasil cuida. O mundo apoia. Todos ganham** (site). S.d. Disponível em: <<https://fas-amazonia.org/blog-da-fas/2023/11/17/o-caminho-ate-dubai-confira-o-historico-de-cop-desde-1995/>>. Acesso em: 17 jan. 2025.

GROHMANN, Rafael. Os rastros digitais na circulação de sentidos: pela desnaturalização e contextualização de dados na pesquisa em comunicação. **Galáxia**: Revista do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Semiótica. n. 42, 2019.

HINE, Christine. **Por uma etnografia para a internet**: transformações e novos desafios. In: CAMPANELLA, Bruno. Matrizes. V.9, N.2. jul/dez. São Paulo, 2015.

INSTAGRAM. Rede social. Disponível em: <<https://about.instagram.com/pt-br>>. Acesso em: jan. 2024.

LEMOS, André. **A tecnologia é um vírus**: pandemia e cultura digital. Porto Alegre: Sulina, 2021.

LIMA, Leanderson. **COP 28**: muito barulho por ‘quase’ nada (online), 14/12/2023 (site). Disponível em: <<https://amazoniareal.com.br/cop-28-muito-barulho-por-quase-nada/>>. Acesso em: 17 jan. 2025.

LIMA JUNIOR, W. T. Neofluxo: Jornalismo, base de dados e a construção da esfera pública interconectada. **Galáxia**. São Paulo, n. 21, p. 137-149, jun. 2011.

LOUREIRO, Violeta R. P. **A Amazônia no século XXI**: novas formas de desenvolvimento. São Paulo: Empório do Livro, 2009.

LOUREIRO, Violeta R. P. **Amazônia**: colônia do Brasil. Manaus, Ed. Valer-Manaus, 2022.

MARTINS, A. **‘Voando pro Pará’, de Joelma, conquista sucesso internacional com versões em diversas línguas** (online), 03/01/24. Disponível em: <<https://www.oliberal.com/cultura/celebridades/voandopro-paradejoelma-conquista-sucesso-internacional-com-versoes-em-diversas-linguas-1.763116>>. Acesso em: 29 jan. 2024.

MILLER, D.; SLATER, D.. Etnografia on e off-line: cibercafés em Trinidad. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, ano 10, n. 21, p. 41-65, jan./jun. 2004.

MINTZ, André Goes. Midiatização e plataformização: aproximações. **Revista Novos Olhares** - Vol.8 N.2, 2019.

MOSCOWICI, Serge. **Representações sociais**: investigações em psicologia social. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003.

NASCIMENTO, Letícia Gomes. **Etnocomunicação indígena como prática de liberdade decolonialista e ancestral**. 1ª ed. - Curitiba: Appris, 2021.

NEWMAN, Nic. **Overview and key findings of the 2022 Digital News Report** (online), 15/06/ 2022. Disponível em: <<https://reutersinstitute.politics.ox.ac.uk/digital-news-report/2022/dnr-executive-summary>>. Acesso em: 24 de out. 2022.

NOBRE, Antonio Donato. **O futuro climático da Amazônia**: relatório de avaliação científica (e-book). São José dos Campos, SP: ARA: CCST-INPE: INPA, 2014.

NOGUEIRA, Wilson. FGV e USP organizam COP-Belém; e as instituições da Amazônia? (online), 13/01/2025. Disponível em: <<https://bncamazonas.com.br/municipios/fgv-e-usp-organizam-cop-belem-e-as-instituicoes-da-amazonia/>>. Acesso em: 29 jan. 2025.

OBSERVATÓRIO DO CLIMA, (site). Disponível em: <<https://centraldacop.oc.eco.br/nosso-time/>>. Acesso em: 17 jan. 2025.

O LIBERAL. William Waack diz que Belém fica 'no meio do mato' e leva resposta de ex-ministra (online), 09/08/2023. Disponível em: <<https://www.oliberal.com/brasil/jornalista-william-waack-diz-que-belem-fica-no-meio-do-mato-e-leva-resposta-de-ex-ministra-1.713937>>. Acesso em: 29 jan. 2025.

POELL, Thomas; NIEBORG, David; VAN DIJCK, José. Plataformização. Revista Fronteiras, v. 22, n. 1, 2020.

PANDOLFO, Clara. **Amazônia brasileira**: ocupação, desenvolvimento e perspectivas atuais e futuras. Belém: CEJUP, 1994.

POLIVANOV, Beatriz. **Etnografia virtual, netnografia ou apenas etnografia?** Implicações dos conceitos. Esferas. Ano 2, no 3, julho a dezembro de 2013.



PORTO- GONÇALVES, C. W. P. **Amazônia, Amazônias**. 3<sup>a</sup> ed. São Paulo. Contexto, 2012.

QUIJANO, A. Colonialidad del poder y clasificación social. In: S. Castro-Gómez, R. Grosfoguel, & (orgs.). **El giro Decolonial. Reflexiones para una diversidad epistémica más allá del capitalismo global** (pp. 93-126). Bogotá: Pontificia Universidad Javeriana/ Siglo del Hombre, 2007.

RECUERO, R.; BASTOS, M.; ZAGO, G.. **Análise de Redes para Mídia Social**. Porto Alegre: Sulina (Coleção Cibercultura), 2020.

STEIGLEDER, Débora Gallas. **Jornalismo ambiental: complexidade para ligar os pontos**. Disponível em: <<https://jornalismomeioambiente.com/tag/jornalismo-ambiental/>>. Acesso em: 16 fev. 2020.

STRATE, Lance; BRAGA, Adriana; LEVINSSON, Paul. **Introdução à ecologia das Mídias**. Edições Loyola; 1<sup>a</sup> edição. São Paulo, 2019.

SUMAÚMA. **Jornalismo do centro do mundo** (site), S.d. Disponível em: <<https://sumau.ma/com/uma-visao-amazonica-da-cop-28-e-das-pororocas-que-vao-estourar-ate-2025-em-belem/>>. Acesso em: 17 jan. 2025.